

## Conferência em Genebra sobre o sintoma

*Uma transcrição desta conferência de Jacques Lacan me foi enviada pelo Sr. Mario Cifali. Após ter estabelecido o texto, acedi ao seu pedido de autorizar a publicação do mesmo em sua revista, *Le Bloc-Notes de la psychanalyse*<sup>1</sup>.*

*Segundo as indicações que me foram fornecidas, a conferência, anunciada sob o título de "O sintoma", foi pronunciada no dia 4 de outubro de 1975 no Centro Raymond de Saussure no marco de um fim de semana de trabalho organizado pela Sociedade suíça de psicanálise, perante uma audiência composta por membros de dita Sociedade e de convidados; o Sr. Olivier Flournoy fez a introdução.*

*Falta uma passagem, assinalada em uma nota de rodapé.*

*Jacques-Alain Miller*

Não começarei sem agradecer a Olivier Flournoy por ter me convidado, o que me dá o privilégio de falar-lhes.

Pareceu-me que, devido ao tempo que pratico, lhes devia ao menos uma palavra de explicação – uma palavra de explicação sobre o fato de que primeiro pratiquei e depois, um dia, comecei a ensinar.

Não tinha verdadeiramente necessidade alguma de ensinar. Eu o fiz no momento em que se fundou, o que desde então se chama o Instituto psicanalítico de Paris – fundado sob o signo do monopólio por parte de alguém que, sabe Deus, não tinha tanta habilitação para desempenhar este papel. Eu o fiz unicamente porque nesse momento, que era uma crise – era, em suma, a instauração de uma espécie de ditadura – uma parte dessa gente, desses psicanalistas que saíam da guerra – de todo modo tinham demorado oito anos para sair dela, porque a fundação é de 1953, – uma parte me pediu que tomasse a palavra.

Havia então em Saint-Anne, um professor de psiquiatria, que se tornou acadêmico, que me convidou. Ele se dizia analisado, mas, em verdade, sua *Juventude de André Gide* não dá testemunho disso e ele não estava tão entusiasmado em desempenhar um papel na psicanálise. Então, depois de dez anos, ele ficou muito contente, não por despedir-me, porque fui eu que o despedi, mas de me ver partir.

---

<sup>1</sup> No.5, 1985, p.5-23.

Nesse momento, uma nova crise se declarava, que se devia, sabe Deus, a uma espécie de aspiração, unida a uma espécie de ruído de buraco, que se fazia a nível da Internacional. Isto é alguma coisa que Joyce, que está nesse momento na ordem do dia de minhas preocupações, simboliza com a palavra inglesa *suck* – é o ruído que faz a descarga de água no momento em que é acionada e que é engolida pelo buraco.

Essa é uma metáfora bastante adequada da função desta Internacional tal como a quis Freud. É preciso recordar que ao pensar que, logo após seu desaparecimento, nada podia garantir que suas idéias podiam ser salvaguardadas, ele as confiou a ninguém menos que sua própria filha. Não se pode dizer, não é mesmo, que a dita cuja filha estivesse na linha do próprio Freud. Os mecanismos chamados de defesa que ela produziu, não me parecem dar testemunho de que ela estava na linha certa das coisas – bem longe disso.

Aconteceu-me então começar em 1953 um seminário que, me disse Olivier Flournoy, alguns de vocês assistiram. Esse seminário não é senão a recopilação que deixei em mãos de alguém que se chama Jacques-Alain Miller e que me é bastante próximo. Deixei-o em suas mãos porque eu estava um pouco afastado desse seminário, já que se eu o tivesse relido, o teria reescrito ou ao menos o teria simplesmente escrito.

Escrever não é de modo algum a mesma coisa, não se parece em nada ao dizer, como ilustrarei para vocês mais adiante. Sucede que, durante a época em que eu estava em Saint-Anne, quis que ficasse algo do que eu dizia. Nesta época se publicava uma revista na qual, propriamente falando, eu escrevia. Recopiei certo número de artigos publicados nesta revista. Como também tinha escrito bastantes coisas antes, a metade dessa recopilação está constituída por esses escritos prévios – que estritamente falando são escritos e a isso se deve meu título, *Escritos*, muito simplesmente. Este título escandalizou um pouco a uma pessoa que se conta entre minhas relações, que era uma charmosa moça japonesa. É provável que a ressonância da palavra *Escritos* não seja a mesma em japonês e em francês. Simplesmente, por *Escritos*, eu queria assinalar que era de algum modo o resíduo de meu ensino.

Nesta revista, *la Psychanalyse*, eu publicava, então, aproximadamente uma vez por ano, um escrito destinado a conservar algo do remoinho que minha palavra havia engendrado, destinado a conservar dela uma ferramenta à qual poderiam reportar-se. Eu o fazia com a intenção de que isso, depois de tudo, houvesse podido servir-me como referência ante a Internacional. Obviamente, esta zomba bastante de todos os escritos – e afinal de contas ela tem razão, porque a psicanálise é algo muito diferente dos escritos. No entanto, não seria mal, talvez, que o analista dê certo testemunho de que sabe o que está fazendo. Se ele faz algo, que diga, talvez não seria excessivo esperar que, do que faz, de algum modo, dê testemunho.

Não seria por demais excessivo esperar que pense no que faz. Pense de vez em quando. Pense às vezes. Isto não é absolutamente obrigatório. Eu não dou uma conotação de valor ao termo pensar. Direi mais ainda – se há alguma coisa que afirmei, é algo cuja natureza realmente reassegura ao analista o que poderíamos chamar de seu automatismo. Penso que o pensamento é, afinal de contas, um engodo e os analistas sabem disso melhor do que ninguém. É um engodo em algo que especifiquei com o que chamo o imaginário e toda uma tradição filosófica se deu conta disso muito bem. Se o homem – dizê-lo assim parece uma banalidade – não tivesse o que se chama um corpo, não vou dizer que não pensaria pois isto é óbvio, senão que não estaria profundamente capturado pela imagem desse corpo.

O homem está capturado pela imagem de seu corpo. Este ponto explica muitas coisas e, em primeiro lugar, o privilégio que tem dita imagem para ele. Seu mundo, se é que esta palavra tem algum sentido, seu *Umwelt*, o que o rodeia, ele o *corpo-reifika*, o faz coisa à imagem de seu corpo. Não tem a menor idéia, certamente, do que acontece neste corpo. Como sobrevive um corpo? Não sei se isto chama a atenção de vocês, nem que seja um pouco – se vocês se tem um arranhão, pois bem, isso se conserta. É tão surpreendente, nem mais nem menos, quanto o fato de que a lagartixa que perde seu rabo o reconstitui. É exatamente da mesma ordem.

O corpo ganha seu peso pela via do olhar, a qual faz um instante se referiu Olivier Flournoy. A maioria – mas não tudo – do que o homem pensa se enraiza ali. Verdadeiramente é muito difícil para um analista, considerando-se isso que é seu negócio, não ser aspirado – no mesmo sentido em que fiz referência a pouco – pelo glu-glu desta fuga, dessa coisa que o capta, afinal de contas, narcisicamente no discurso daquele a quem Olivier Flournoy denominou, a pouco, lamentavelmente, o analisado. Lamentavelmente porque já faz algum tempo que o termo o *analisante*, que proferi um dia em meu seminário, adquiriu o direito de cidadania. Não somente na minha Escola – não outorgaria a isso mais do que uma importância relativa, relativa a mim – senão que, esse *analisante*, produziu uma espécie de efeito relâmpago na mesma semana em que o articulei. O Instituto psicanalítico de Paris, que está por dentro de tudo que eu digo – direi inclusive mais, o que eu digo é o principal do que ali se ensina – esse instituto gargarejou com esse *analisante* que lhe caiu como anel no dedo, nem que fosse somente para desincumbir o analista de ser o responsável, se fosse o caso, da análise.

Devo dizer que, quando afirmei dita coisa, não tinha feito mais que parodiar – se me permitem a expressão, já que toda uma tradição é da ordem da paródia – o termo *analysand*, que é comum na língua inglesa. Certamente, não é estritamente equivalente ao francês. *Analysand* evoca mais o que está-sendo-analisado e isto não era de modo algum o que eu queria dizer. O que eu queria dizer é que na análise, quem trabalha é a pessoa que chega verdadeiramente a dar forma a

uma demanda de análise. Na condição de que vocês não a tenham colocado de imediato no divã, caso no qual a coisa já está arruinada. É indispensável que essa demanda verdadeiramente tenha tomado forma antes que vocês a mandem deitar. Quando dizem para começar – e isso não deve acontecer nem na primeira nem na segunda vez, pelo menos se vocês querem se comportar dignamente – a pessoa que fez essa demanda de análise, quando começa o trabalho é ela quem trabalha. Não devem considerá-la de modo nenhum como alguém a quem vocês devem moldar. Pelo contrário. Que fazem vocês ali? Esta pergunta é tudo aquilo pelo que me interrogo desde que comecei.

Comecei, meu Deus, direi – muito bestamente. Quero dizer que não sabia o que fazia, como foi comprovado pelo que se seguiu – comprovado diante dos meus olhos. Não haveria por acaso olhado mais de uma vez se tivesse sabido em que estaria me comprometendo? Isto me parece seguro. Precisamente por esta razão em última instância, quer dizer, no último ponto em que cheguei, no começo do ano letivo de 1967, em outubro, institui esta coisa que consiste em fazer que, quando alguém se assume como analista, somente ele mesmo pode fazê-lo. Esta me parece uma primeira evidência.

Quando alguém se assume como analista é livre nesta espécie de inauguração, que fiz naquele momento e que chamei *Proposição*. Ele é livre, ele pode também não fazê-lo e ficar com as coisas para si, mas ele é livre também para se oferecer a esta prova de ir confiar, confiar essas coisas às pessoas que escolhi expressamente por estarem exatamente no mesmo ponto que ele.

É evidente, efetivamente, que se vai dirigir-se a um veterano, a um titular, inclusive, como se costuma dizer, a um didata, podemos estar seguros de que seu testemunho resultará completamente distorcido. Porque, em primeiro lugar, sabe muito bem que o pobre cretino a quem se dirige tem já tanta experiência que não sabe absolutamente nada, como eu, de porque se comprometeu com esta profissão de analista. Eu me lembro disso um pouco e me arrependo. Mas a maioria já esqueceu disso totalmente. Somente enxergam sua posição de autoridade e, nestas condições, se tenta marcar o passo como aquele que tem autoridade, quer dizer que, muito simplesmente, mentem a si mesmos. Então, tentei que eles se dirigissem, sempre, às pessoas que como eles eram debutantes na função de analistas.

Apesar disso, conservei – sempre é necessário se abster de inovações, este não é meu estilo, eu nunca inovei em nada – uma espécie de jurado constituído com o consentimento de todo mundo. Não há nada que chame mais atenção que o seguinte: se é para escolher um jurado qualquer, se é feita uma votação, mediante voto secreto, o que sai é o nome de pessoas perfeitamente bem colocadas. A massa quer líderes. Já é muita sorte quando ela não quer um único. Então, a massa que quer líderes escolhe líderes que já estão ali pelo funcionamento das coisas. Diante destes jurados vão testemunhar aqueles que receberam o testemunho daqueles que se querem analistas.

No espírito de minha *Proposição*, esta operação é feita para aclarar o que acontece nesse momento. É exatamente o que nos diz Freud – quando temos um caso, o que chamamos um caso, em análise, ele nos recomenda não colocá-lo antecipadamente numa categoria. Gostaria que escutássemos, se vocês me permitem a expressão, com total independência a respeito de todos os conhecimentos adquiridos por nós, que sentíssemos o que temos a ver, a saber, a particularidade do caso. É muito difícil, porque o próprio da experiência é evidentemente preparar categorias. É muito difícil para nós analistas, homens e mulheres, com experiência, não julgar um caso que está começando a funcionar e elaborar sua análise, sem lembrar em relação a ele outros casos. Qualquer que seja nossa pretensa liberdade – pois nessa liberdade é impossível acreditar – é claro que não podemos varrer com o que é nossa experiência. Freud insiste muito sobre isso e se fosse compreendido, talvez isso implicasse em um modo diferente de intervenção – mas não foi compreendido.

Neste espírito então, eu quis que alguém que está no mesmo nível que aquele que ultrapassa essa passagem, dê seu testemunho. É, em resumo, para esclarecer-nos. Acontece que, de tempos em tempos, alguém dá um testemunho que tem o caráter – isso se reconhece de toda forma – de autenticidade. Então, previ que esta pessoa, seja incluída no nível daqueles que se supõe que pensam no que fazem de modo a fazer uma triagem. Em que isso se transformou de imediato? É óbvio que se transformou em outro modo de seleção. A saber, que uma pessoa que testemunhou com toda honestidade sobre o que fez em sua análise, chamada só-depois, didática, se sente objetada se, após este testemunho, ela não forma parte daquilo, mediante o qual tentei ampliar o grupo daqueles que são capazes de refletir um pouco sobre o que fazem. Eles se sentem depreciados, ainda que eu faça tudo para que esse não seja o caso. Tento explicar-lhes o que seu testemunho nos trouxe, sobre uma certa maneira de entrar em análise, depois de ter feito formar-se a si próprio através do que é exigível. O exigível é, evidentemente, ter passado por esta experiência. Como transmiti-la se nós mesmos não nos submetemos a ela? Enfim, terminemos com isso.

Gostaria de evocar aqui a fórmula de Freud, a do *Soll Ich Werden*, à qual me dediquei mais de uma vez<sup>2</sup>. O que quer dizer *Werden*? É muito difícil traduzi-lo. Vai em direção a alguma coisa. Essa coisa é o *den*? O *Werden* é um verdejar? O que há no devir alemão? Cada língua tem seu gênio e traduzir *Werden* como devir somente tem verdadeiramente algum alcance no que já há de *den* no devir. É algo da ordem do despojamento, se vocês me permitem a expressão. O despojamento não é a mesma coisa que o desenlace<sup>3</sup>. Mas deixemos isso em suspenso.

Trata-se de mensurar o que Freud – coisa muito surpreendente por parte de um homem tão verdadeiramente praticante – somente valorizou no primeiro tempo de sua obra, nessa primeira

---

<sup>2</sup> Falta parte da transcrição deste momento da conferência.

<sup>3</sup> Homofonia entre *dénuement* e *dénouement*.

etapa que vai até em torno de 1914, antes da primeira guerra – em sua *Traumdeutung*, em sua *Psicopatologia da vida* chamada *cotidiana* e muito particularmente em seu *Chiste*. Ele valorizou isso e o surpreendente é que não tenha tocado, que a sua hipótese do *Unbewusstsein*, do inconsciente tenha sido mal nomeada, se assim podemos dizer.

O inconsciente não é simplesmente ser não sabido. O próprio Freud já o formulou dizendo *Bewusst*. Aproveito aqui da língua alemã, onde se pode estabelecer uma relação entre *Bewusst* e *Wissen*. Na língua alemã o consciente da consciência é formulado como o que verdadeiramente é, isto é, o gozo de um saber. A contribuição de Freud foi a seguinte: não há necessidade de saber que se sabe para gozar de um saber.

Atentemos, enfim, para esta experiência que fazemos todos os dias. Se aquilo do que estamos falando é verdadeiro, se efetivamente se cristaliza em uma etapa precoce para a criança o que cabe chamar por seu nome, isto é, os sintomas, se a época da infância é efetivamente decisiva por isso, como não relacionar este fato com o modo como analisamos os sonhos e os atos falhos? – Não falo dos chistes, completamente fora do alcance dos analistas, que naturalmente carecem de qualquer humor. Isto é de Freud, mas prova que igualmente ali, Freud mesmo, se deu conta que o enunciado de um ato falho somente adquire valor pelas explicações de um sujeito. Como interpretar um ato falho? Andaríamos tateando, na mais completa escuridão se o sujeito não dissesse a este respeito uma ou duas coisinhas, as quais permitem que nós digamos a ele – *Mas finalmente, quando você tirou do bolso sua chave para entrar em minha casa, a do analista, isso tem de qualquer modo um sentido* – e de acordo com quanto nós tenhamos avançados lhe explicaremos de diversas maneiras o sentido – seja devido ao fato de que ele acredita estar em sua casa ou que deseja estar em sua casa, ou inclusive, indo mais longe, que o fato de colocar uma chave na fechadura prova algo que diz respeito ao simbolismo da fechadura e da chave. O simbolismo da *Traumdeutung* é exatamente do mesmo tipo. O que são os sonhos senão sonhos relatados? É no processo de seu relato que se lê o que Freud chama seu sentido. Como sustentar uma hipótese como a do inconsciente – se não se vê que é a maneira que teve o sujeito, se é que há algum outro sujeito senão aquele que é dividido, de estar impregnado, poderíamos dizer, pela linguagem?

Sabemos muito bem na análise a importância que teve para um sujeito, eu quero dizer, aquele que naquele momento ainda não era nada, o modo como foi desejado. Há pessoas que vivem sob o efeito, que durará longo tempo em suas vidas, sob o efeito do fato de que um dos dois pais – não preciso qual deles – não o desejou. Este é exatamente o texto de nossa experiência cotidiana.

Os pais modelam o sujeito nessa função que intitulei de simbolismo. O que quer dizer, estritamente, não que a criança seja de algum modo o princípio de um símbolo, senão que a maneira

pela qual lhe foi instilado um modo de falar, não pode senão levar a marca do modo pelo qual foi aceito por seus pais. Sei muito bem que há nisso toda espécie de variações e aventuras. Inclusive uma criança não desejada, em nome de um não sei o que, que surge dos seus primeiros balbucios, pode ser melhor acolhida mais tarde. Isto não impede que algo conserve a marca do fato de que o desejo não existia antes de certa data.

Como, até Freud, pôde-se desconhecer que essa gente, a qual se chama homens, mulheres eventualmente, vivem na tagarelice? É muito curioso que gente que crê que pensa, não percebe que pensa com as palavras. Há coisas a esse respeito com as quais é preciso acabar, não é mesmo? A tese da Escola de Würzburgo sobre a suposta apercepção de não sei que pensamento sintético que não se articularia, é realmente a mais delirante que foi produzida numa escola de pretensos psicólogos. O homem sempre pensa com a ajuda das palavras. E é neste encontro entre estas palavras e seu corpo onde alguma coisa se esboça. Aliás, ousarei dizer a respeito o termo *inato* – se não houvesse palavras, de que poderia testemunhar o homem? É aí que ele coloca o sentido.

Tentei como pude fazer com que revivam algo que não era meu, mas que já tinha sido percebido pelos antigos estóicos. Não há nenhuma razão para pensar que a filosofia sempre foi a mesma coisa que é para nós. Naquela época a filosofia era uma maneira de viver – uma maneira de viver em relação a qual a gente podia se dar conta, muito antes de Freud, que a linguagem, essa linguagem que não tem absolutamente nenhuma existência teórica, intervém sempre sob a forma do que chamo com uma palavra que quis que fosse o mais próximo possível da palavra *lalação* - *alíngua*<sup>4</sup>.

Os antigos, desde a época de Esopo, tinham se apercebido perfeitamente de que alíngua era absolutamente capital. Sobre isso há uma fábula muito conhecida, mas ninguém se apercebeu disso. Não é por acaso que n'alíngua, qualquer que seja ela, na qual alguém recebeu uma primeira marca, uma palavra é equivocada. Não é certamente por acaso que em francês a palavra *ne* se pronuncia de maneira equívoca com a palavra *noend*<sup>5</sup>. Não é absolutamente por acaso que a palavra *pas*, que em francês redobra a negação, contrariamente a muitas outras línguas, designa também *un pas*<sup>6</sup>. Se me interessa tanto pelo *pas*, isto não deve ser por acaso. Isso não quer dizer que alíngua constitua de maneira nenhuma um acervo. É absolutamente certo que é pelo modo como alíngua foi falada e também ouvida por tal ou qual em sua particularidade, que alguma coisa em seguida reaparecerá nos sonhos, em todo tipo de tropeços, em toda espécie de modos de dizer. É, se me

---

<sup>4</sup> *lalation* - *lalangue*.

<sup>5</sup> não - nó

<sup>6</sup> pas - um passo

permitem empregar pela primeira vez esse termo, nesse *matérialisme*<sup>7</sup> onde reside a tomada do inconsciente – quero dizer que é o que faz com que cada um não tenha encontrado outros modos de sustentar a não ser o que a pouco chamei o sintoma.

Leiam um pouco, estou seguro que isso não lhes acontece freqüentemente, a *Introdução à psicanálise*, a *Vorlesungen* de Freud. Há dois capítulos sobre o sintoma. Um se chama *Wege zur Symptom Bildung* é o capítulo 23 e depois vocês perceberão que há um capítulo 17 que se chama *Der Sinn*, o sentido dos sintomas. Se Freud trouxe alguma coisa foi isso. Que os sintomas tem um sentido e que só se interpretam corretamente - *corretamente* querendo dizer que o sujeito deixa cair um pedaço dele - em função de suas primeiras experiências, isto é, na medida em que encontre o que hoje chamarei, por não poder dizer nada mais nem nada melhor, a realidade sexual.

Freud insistiu muito sobre isso. Ele acreditou que podia enfatizar especialmente o termo autoerotismo, na medida em que a criança descobre primeiro esta realidade sexual em seu próprio corpo. Permito-me – isto não me ocorre todos os dias – não estar de acordo – e isso em nome da obra do próprio Freud.

Se vocês estudam em detalhes o caso do menino Hans, verão que o que se manifesta nele, o que ele chama seu *Wiwimacher* – porque não sabe como chamá-lo de outro modo – é o que se introduziu em seu circuito. Em outros termos, para chamar as coisas tranqüilamente por seu nome, ele teve suas primeiras ereções. Esse primeiro gozar se manifesta, poderíamos dizer, em quem quer que seja. Certamente, não é assim, não é verdadeiro, mas verificado em todos. Mas, justamente, aí está o ponto que Freud trouxe – basta que isso seja verificado em alguns para que tenhamos o direito de construir sobre isso algo que tem a mais estreita relação com o inconsciente. Pois, afinal de contas, é um fato – o inconsciente foi Freud quem o inventou. O inconsciente é uma invenção no sentido em que é uma descoberta que está ligada ao encontro que certos seres tem com sua própria ereção.

Chamamos assim a isso, *ser*, pois não sabemos falar de outro modo. Seria preferível prescindir da palavra *ser*. No passado, algumas pessoas foram sensíveis a isso. Um certo São Tomás de Aquino - ele também é um santo homem e mesmo um sintoma<sup>8</sup> - escreveu algo que se chama *De ente et essentia*. Não posso dizer que lhes recomendo sua leitura, já que vocês não a farão, mas ele é muito astuto. Se há algo que se chama o inconsciente, isso quer dizer que não há necessidade de saber o que se faz para fazê-lo, e para fazê-lo sabendo-o muito bem. Haverá talvez uma pessoa que lerá esse *De ente et essentia* e se aperceberá o que esse santo homem, esse sintoma, tagarela muito bem – o ser, isso não se alcança tão facilmente, nem tampouco a essência.

---

<sup>7</sup> condensação de *mot* (palavra) e *matérialisme* (materialismo)

<sup>8</sup> *saint homme e symptôme*



Não há necessidade de saber tudo isso. Só há necessidade de saber que em certos seres, assim chamados, o encontro com sua própria ereção não é absolutamente autoerótico. É o que há de mais hetero. Eles se dizem – *Mas, o que é que é isso?* E se dizem tão bem, que o pobre menino Hans só pensa nisso – o encarna em objetos que são francamente externos, isto é, nesse cavalo que relincha, que dá coices, que salta, que cai no chão. Esse cavalo que vai e vem, que tem certo modo de deslizar-se ao longo dos trilhos arrastando sua charrete, é o que há de mais exemplar para ele daquilo que tem que enfrentar e sobre o qual não entende nada, sem dúvidas graças ao fato de que tem certo tipo de mãe e certo tipo de pai. Seu sintoma é a expressão, a significação dessa rejeição.

Esta rejeição não merece, de modo nenhum, ser etiquetada como autoerotismo, sob o pretexto de que, afinal de contas, ele tem esse *Wiwimacher* enganchado em algum lugar do seu baixo ventre. O gozo que resulta desse *Wiwimacher* lhe é alheio a ponto de estar no princípio de sua fobia. Fobia quer dizer que ele está amedrontado por ele. A intervenção do professor Freud, mediatizada pelo pai, não é mais que uma artimanha, cujo único mérito é o de ter sido bem sucedida. Ele conseguirá que outro, a saber, nesta ocasião sua irmãzinha, suporte esse pequeno pinto.

Abreviei aqui o caso do menino Hans. Somente introduzi este caso porque tendo vocês uma ignorância absolutamente total, não vejo porque não teria improvisado hoje. Não vou ler todos as coisas que preparei cuidadosamente para vocês. Quero simplesmente tentar fazer passar algo do que aconteceu em torno do fim do século passado, em alguém que não era um gênio, como se diz, mas alguém como eu, um honesto imbecil.

Freud percebeu que havia coisas das quais ninguém podia dizer senão que o sujeito falante as soubesse sem sabê-las. Eis aí o relevante das coisas. Por isso falei do significante e de seu efeito de significado. Naturalmente, com o significante não esgotei de modo nenhum a questão. O significante é algo que está encarnado na linguagem. Acontece que há uma espécie que soube latir de tal maneira que um som, na medida em que é significante, é diferente do outro. Olivier Flournoy me disse ter publicado um texto de Spitz. Leiam seu *Do nascimento à fala*, para tratar de ver como, finalmente, se desperta a relação com o latido. Há um abismo entre essa relação com o latido e o fato de que no final, o ser humilhado, o ser húmus, o ser humano, o ser que vocês podem chamá-lo como queiram – trata-se de vocês, de vocês e de mim – que o ser humano chegue a dizer alguma coisa. Não só a poder dizê-lo, mas ainda, esse cancro que defini como sendo a linguagem, porque não sei de que outro modo chamá-lo, esse cancro que é a linguagem, implica desde o início uma espécie de sensibilidade.

Tenho visto muitas crianças pequenas, a começar pelas minhas. O fato de que uma criança diga *talvez, ainda não*, antes mesmo de ser capaz de construir verdadeiramente uma frase, prova que há algo nela, uma peneira que se atravessa, através da qual a água da linguagem chega a deixar algo

para trás, alguns detritos com os quais brincar, com os quais necessariamente ele terá que desembaraçar-se. É isso o que lhe deixa toda essa atividade não reflexiva – os restos aos quais mais tarde – porque ele é um prematuro – se agregarão os problemas do que vai lhe assustar. Graças a isto ele irá fazer a coalescência, por assim dizer, dessa realidade sexual e da linguagem.

Permitam-me propor aqui algumas equações tímidas a respeito do que afirmei como a significação do falo em meus *Escritos*, o qual é uma péssima tradução de *Die Bedeutung des Phallus*.

É surpreendente que a psicanálise não tenha dado aqui o menor estímulo à psicologia. Freud fez todo o possível para isso, mas, obviamente, os psicólogos são surdos. Essa coisa só existe no vocabulário dos psicólogos – uma psique aderida como tal a um corpo. Por que diabos, é o caso de dizer, por que diabos o homem seria duplo? O fato de existir um corpo já encobre suficientes mistérios e Freud, facilitado pela biologia, marcou bastante bem a diferenciação do soma e do germen. Por que diabos não limpar de nosso espírito toda essa psicologia defeituosa e não tentar soletrar o tocante à *Bedeutung* do falo? Tive de traduzir por *significação*, por não poder dar um equivalente. *Bedeutung* é diferente de *Sinn*, do efeito de sentido e designa a relação ao real. Por que, desde que a psicanálise existe, as perguntas não foram formuladas neste nível? Por que esse suposto ser, por que esse *se goza* apareceu sobre isso que se chama a terra? Nós imaginamos que a terra é um astro privilegiado com o pretexto de que nela existe o homem e, de certo modo, é verdade – com a única condição de que não haja outros mundos habitados.

Não lhes passa pelo espírito que essa realidade sexual, como eu me exprimia a pouco, se especifica no homem pelo seguinte: que não há, entre o homem macho e fêmea, nenhuma relação instintiva? Que nada faça que todo homem – para designar o homem mediante o que lhe vá bastante bem, dado que se imagina naturalmente a idéia do todo – que todo homem não esteja apto para satisfazer toda mulher? O que efetivamente parece ser a regra no que concerne a outros animais. Evidentemente, eles não satisfazem todas as fêmeas, mas se trata apenas de aptidão. O homem – pois se pode falar do homem, precedido pelo o – é necessário que se contente em sonhar com isso. É necessário que se contente em sonhar com isso porque é absolutamente certo que, não só não satisfaz toda mulher, senão que *A* mulher – peço perdão pelo que segue, aos membros do MLF talvez presentes aqui – *A* mulher não existe. Há mulheres, mas *A* mulher é um sonho do homem.

Não é por acaso que ele se satisfaz com apenas uma, ou até mesmo com muitas mulheres. É porque pelas outras ele não sente vontade. E por que ele não tem vontade pelas outras? Porque elas não *consoam*, se posso me exprimir assim, com seu inconsciente.

Não somente não há *A* mulher; *A* mulher se define por ser o que etiquetei faz muito tempo e que lhes repito: pelo *não toda*. Isto chega mais longe ainda e não surge do homem, contrariamente

ao que crêem os membros do MLF, senão delas mesmas. Elas mesmas são *não todas*. A saber, que elas não se prestam à generalização. Inclusive, eu lhes digo aqui entre parênteses, à generalização falocêntrica.

Não disse que a mulher é um objeto para o homem. Muito pelo contrário, disse que era alguma coisa com o que ele jamais sabe desembaraçar-se. Em outros termos, ele jamais deixa de meter os pés pelas mãos ao abordar a qualquer uma delas – seja porque se enganou ou bem porque era justamente essa que lhe fazia falta. Mas jamais ele se dá conta disso, senão no só-depois.

Este é um dos sentidos do só-depois, de que falei em certas ocasiões e que foi tão mal transmitido no famoso e eterno *Vocabulário de psicanálise*, pelo qual Lagache *a là gâché*<sup>9</sup> a psicanálise inteira. Bem, finalmente, não é tão mal, não exageremos. Provavelmente o único que lhe interessava era *lagachear*<sup>10</sup> o que eu dizia. Afinal de contas, por que não se *lagachearia*?

Não estou absolutamente seguro de ter a razão em tudo. Não só não estou seguro, senão que tenho certamente a atitude freudiana. O próximo assunto que me fizer revisar, na ocasião, todo o meu sistema, não farei nada melhor que acolhê-lo. Tudo o que posso dizer é que sem dúvidas, graças a minha estupidez, isto ainda não aconteceu.

Eis aí. Agora, deixarei a palavra a vocês.

Estarei contente, depois deste murmúrio, de saber o que vocês retiraram dele.

## RESPOSTAS

J.L. – Para encorajar a qualquer um que tenha uma pergunta a formular, gostaria de dizer que alguém que tinha que tomar um trem, não sei para onde...

- *Para Lausanne.*
- Vocês sabem quem é?
- *O Dr. Bovet.*

- É um nome que não me é desconhecido. O Dr. Bovet me fez uma pergunta que acho muito boa para começar a falar. *Até que ponto*, me disse, *vous se leva a sérieux?* Não é nada mal e espero que isto encoraje vocês. Este é o tipo de pergunta para a qual não estou nem aí. Continuar a ponto de estar no vigésimo segundo ano de meu ensino, implica que me levo a sério. Se não respondi foi porque ele tinha de tomar um trem. Mas de todo modo já respondi a esta pergunta, implicitamente, identificando o sério com a série. Uma série matemática, quer seja convergente ou divergente, quer

---

<sup>9</sup> desperdiçou

<sup>10</sup> homofonia entre *Lagache* e *là gâché*, (desperdiçar)

dizer algo. O que enuncio é absolutamente desta ordem. Tento delimitar cada vez mais, tento fazer uma série convergente. É o que consigo? Naturalmente, quando se está cativado... Mas, mesmo uma série divergente tem interesse, à sua maneira ela também converge – digo isto para as pessoas que poderiam ter alguma idéia das matemáticas. Por se tratar de Dr. Bovet, que se lhe transmita esta resposta.

*Dr. Cramer – O Sr. disse, se o segui corretamente, que é a mãe quem fala à criança, mas também é necessário que a criança a ouça. Gostaria de lhe fazer uma pergunta sobre este "também é necessário que a criança a ouça".*

- Sim!

*- Que faz que uma criança possa ouvir? Que faz com que uma criança seja receptiva a uma ordem simbólica que lhe ensina a mãe ou que a mãe lhe transmite? Por acaso há alguma coisa de imanente no filhote humano?*

- Parece-me que isso estava implicado no que disse. O ser que chamei humano é essencialmente um ser falante.

*- E um ser que também deve poder ouvir?*

- Mas ouvir forma parte da palavra. O que evoquei no concernente ao *talvez*, ao *ainda não*, poder-se-ia citar outros exemplos, prova que a ressonância da palavra é algo constitucional. É evidente que isso está vinculado à especificidade de minha experiência. A partir do momento em que alguém está em análise sempre prova que ouviu. Que o senhor faça a pergunta de que há seres que nunca escutam nada, é sugestivo, certamente, mas difícil de imaginar. O senhor me dirá que há gente que talvez só escute o barulho, isto é, que tudo a seu redor murmura.

*- Pensava nos autistas, por exemplo. Seria um caso no qual o passível de receber não está situado e onde o ouvir não pode ser produzido.*

- Como o nome o indica, os autistas escutam a si mesmos. Eles ouvem muitas coisas. Isto desemboca inclusive normalmente na alucinação, que sempre tem um caráter mais ou menos vocal. Nem todos autistas escutam vozes, mas articulam muitas coisas e se trata de ver precisamente onde escutaram o que articulam.

- O Sr. trata autistas?

- *Sim.*

- Então, o que o Sr. acha dos autistas?

*- Que precisamente não conseguem ouvir-nos, que permanecem acnados.*

- Mas isso é algo muito diferente. Eles não conseguem escutar o que o Sr. tem para dizer-lhes enquanto o Sr. se ocupa deles.

*- Mas também nos custa trabalho escutá-los. Sua linguagem continua sendo algo fechada.*

- É muito precisamente o que faz com que não os escutemos. O fato de que eles não nos escutam. Mas finalmente há sem dúvida algo para dizer-lhes.

- *Minha pergunta apontava um pouco mais longe. Por acaso o simbólico – e aqui utilizarei um curto circuito – isso se aprende? Existe algo em nós desde o nascimento que faz com que estejamos preparados para o simbólico, para receber precisamente a mensagem simbólica, para integrá-la?*

- Tudo o que disse implicava isso. Trata-se de saber porque há algo no autista ou no chamado esquizofrênico, que se congela, poderíamos dizer. Mas o senhor não pode dizer que não fala. Que o senhor tenha dificuldade para escutá-lo, para dar seu alcance ao que dizem, não impede que se trate, finalmente, de personagens de preferência verbosos.

- *O Sr. concebe a linguagem como não somente verbal, considera que há uma linguagem não verbal? A linguagem dos gestos por exemplo.*

- É uma pergunta que já foi proposta faz muito tempo por um tal Jousse, a saber, que o gesto precederia a fala. Creio que há algo específico na fala. A estrutura verbal é cabalmente específica e temos um testemunho disso no fato de que aqueles aos quais se chama surdos-mudos são capazes de um tipo de gesto muito diferente do gesto expressivo enquanto tal. O caso dos surdos-mudos é demonstrativo do fato de que há uma predisposição à linguagem, inclusive naqueles que estão afetados por dita enfermidade – a palavra enfermidade me parece neste ponto totalmente específica. Há o discernimento de que pode haver algo significante como tal. A linguagem dos dedos não se concebe sem uma predisposição a adquirir o significante, qualquer que seja a enfermidade corporal. De forma alguma eu falei a pouco da diferença entre significante e signo.

*O. Flournoy - Creio que agradaria ao Sr. Auber se o Sr. eventualmente pudesse elaborar um pouco a diferença que acaba de mencionar.*

- Isto nos leva muito longe, à especificidade do significante. O tipo do signo deve encontrar-se no ciclo da manifestação que se pode, mais ou menos a justo título, qualificar como exterior. *Não há fumaça sem fogo.* O signo é de imediato captado do seguinte modo: se há fogo alguém o fez. Ainda que alguém se aperceba depois que a selva arde sem que haja um responsável. O signo se inclina sempre, imediatamente, para o sujeito e para o significante. O signo é imediatamente captado como intencional. Não é o caso do significante. O significante é percebido de saída como o significante.

- *Ao longo do que foi dito o Sr. pronunciou algumas frases sobre a mulher que me pareceram muito belas. Por exemplo: "A mulher não existe, há mulheres. A mulher é o sonho do homem".*

- É um sonho porque não pode ter nada melhor.

- *Ou ainda: "A mulher é aquilo de que o homem nunca sabe desembaraçar-se". Parece que o título de sua conferência falava de sintoma e tive a impressão de que finalmente, a mulher é o sintoma do homem.*

- Eu o disse com todas as letras em meu seminário.

*- Pode-se dizer reciprocamente que o homem é o sintoma da mulher? Isto quer dizer que para a menina ou para o menino a mensagem que a mãe transmitirá, a mensagem simbólica, significativa, será recebida da mesma maneira, já que é a mãe quem a transmite, seja a uma menina ou a um menino? Há uma reciprocidade ou uma diferença a qual não se escapa?*

- Há certamente uma diferença, que se deve ao fato de que as mulheres compreendem muito bem que o homem é um bicho raro<sup>11</sup>. Isto deve ser julgado a nível das mulheres analistas. As mulheres analistas são as melhores. São melhores que o homem analista.

*- Qual é finalmente essa relação com o significante que parece ser alguma coisa de transexual, bissexual?*

*Sr. X – As mulheres são melhores analistas? - Melhores em que? - Melhores como?*

É claro que são muito mais ativas. Não há muitos analistas que tenham dado testemunho de que compreendiam algo . As mulheres avançam. Basta ver Melanie Klein. As mulheres se adentram e o fazem com um sentimento muito direto do que é o bebê no homem. Para os homens é necessário que haja um rude rompimento.

*Sr. X - Os homens também tem vontade de ter um bebê.*

- De vez em quando têm vontade de parir, é verdade. De vez em quando há homens que, por razões que sempre são muito precisas, se identificam com a mãe. Frequentemente, têm homens com vontade não só de ter um bebê, senão de estar grávido. Em minha experiência analítica tenho cinco ou seis casos assim, totalmente claros, inclusive que chegaram a formulá-lo.

*Sr. Vauthier - Como analista, o Sr. teve a oportunidade de tratar em detalhe pacientes psicossomáticos importantes? Qual é a posição do significante em relação a eles? Qual é sua posição em relação ao acesso deles ao simbólico? Tem-se a impressão de que não alcançaram o registro simbólico ou que não se sabe como enganchá-lo a ele. Gostaria de saber se em seu modo de colocar o problema, o Sr. tem uma fórmula que possa aplicar-se a este gênero de paciente?*

- Certamente que se trata de um domínio mais que inexplorado. Finalmente é, de todo modo, algo da ordem do escrito. Em muitos casos não sabemos lê-lo. Teria de dizer aqui alguma coisa que introduzisse a noção do escrito. Tudo se passa como se algo estivesse escrito no corpo, alguma coisa que nos é dado como um enigma. Não é de modo algum surpreendente que tenhamos como analistas esta sensação.

*- Mas, como fazer-lhes falar do que está escrito? Há aí, me parece, um corte.*

---

<sup>11</sup> Drôle d'oiseau, literalmente: pássaro estranho.

- É totalmente certo. Existe o que os místicos chamam a assinatura das coisas, o que há nas coisas que se pode ler. *Signatura* não quer dizer *signum*, não é? Há algo para ler ante o qual, frequentemente boiamos.

*Sr. Nicolaidis – Podemos dizer que talvez, o psicossomático se expressa com uma linguagem hieroglífica, enquanto que o neurótico o faz com uma linguagem alfabética?*

Mas isso é de Vico.

- *A gente chega sempre em segundo.*

- Obviamente a gente sempre é segundo. Sempre há alguém que já disse.

- *No entanto ele não falou de psicossomática.*

- Vico? Certamente que não. Mas, enfim, tomemos as coisas de soslaio. Sim, o corpo considerado como um rótulo, como portando o nome próprio. Seria preciso ter do hieróglifo uma idéia um pouco mais elaborada do que a que tinha Vico. Quando diz hieroglífico ele não parece ter – li a *Scienza nuova* – idéias muito elaboradas para sua época.

*O. Flournoy – Eu gostaria que tomassem a palavra nossas companheiras. Sra. Rossier. Que o diálogo intersexual comece.*

*Rossier – Queria dizer que quando o Sr. falou, evocando os psicossomáticos, de algo do escrito (d'écrit), eu entendi dos gritos (des cris), o grito (le cri). Me perguntei se a inscrição no corpo dos psicossomáticos não se parece mais a um grito que a uma fala e que por isso nos custa tanto trabalho compreendê-lo. É um grito repetitivo, mas pouco elaborado. De modo nenhum pensaria no hieróglifo que já me parece demasiado complicado.*

- Uma doente psicossomático é muito complicado e isso se assemelha mais a um hieróglifo do que a um grito.

*O. Flournoy – E no entanto um grito é endiabradamente difícil de traduzir.*

Isso é verdade.

*Sr. Vautier – Sempre se faz concordar um significante com um grito. Quanto ao psicossomático gostaríamos efetivamente de poder fazê-lo concordar com o significante.*

- Freud fala do grito em um dado momento. É necessário que eu o reencontre. Ele fala do grito, mas é um fracasso total.

*Sra. Y – Qual a diferença entre a palavra escrita e a palavra falada? O Sr. parece pensar algo sobre este assunto.*

- É verdade que há sobre isso, com efeito, uma hiância impressionante. Como existe uma ortografia? É a coisa no mundo que deixa a gente mais estupefacto e, além disso, que seja manifestamente mediante o escrito que a palavra faça sua brecha, pelo escrito e unicamente pelo escrito, o escrito que chamamos cifras, porque não queremos falar de números. Há alguma coisa aí que é da

ordem do que se colocava a pouco como pergunta – da ordem da imanência. O corpo no significante faz traço e traço que é um Um. Eu traduzi o *einzigster Zug* que Freud enuncia em seu escrito sobre a identificação como *traço unário*. Ao redor do traço unário gira toda a questão do escrito. A este respeito, se o hieroglífico é egípcio ou chinês dá no mesmo. Trata-se sempre de uma configuração do traço. Não é por acaso que a numeração binária somente se escreve com 1 e 0. A questão deveria ser julgada a nível de – qual é a espécie de gozo que encontramos no psicossomático? Se eu evoquei uma metáfora como a do *congelado*, é porque existe efetivamente essa espécie de fixação. Freud também não emprega por acaso o termo *Fixierung* – é porque o corpo se deixa levar a escrever algo da ordem do número.

*Sr. Vauthier – Há algo paradoxal. Quando se tem a impressão de que a palavra gozo recupera um sentido com um psicossomático, este já não é um psicossomático.*

-Totalmente de acordo. É por esse viés, pela revelação do gozo específico que há na sua fixação, que é preciso sempre visar abordar o psicossomático. Nisto podemos esperar que o inconsciente, a invenção do inconsciente possa servir para alguma coisa. O que esperamos é dar-lhe o sentido do que se trata. O psicossomático é algo que, de todo modo, está, no seu fundamento, profundamente arraigado no imaginário.

*Sr. Z. – Soll Ich werden, você o transcreveu mais ou menos como o trabalho de "ele é pensado". Penso no discurso do obsessivo que pensa, que repensa, que cogita, que em todo caso também chega a "ele é pensado". O "ele é pensado", podemos compreendê-lo como "dispensado", no sentido no qual o "dis" quer dizer de cima para baixo, desmontar, desarticular e finalmente fazer cair a estátua ? Podemos fazer uma conjunção entre o "dispensado" e o "ele é pensado"?*<sup>12</sup>

- Isto tem a mais estreita relação com a obsessão. O obsessivo é muito essencialmente alguém que é *penso*. Ele é *penso* avaramente. Ele é *penso* em circuito fechado. Ele é *penso* para si mesmo. Esta fórmula me foi inspirada pelos obsessivos. O Sr. reconheceu muito bem a afinidade com o obsessivo, pois não foi eu que o disse.

*Sra. Vergopoulos – Há alguma coisa, em relação ao tempo, que me chamou a atenção no seu seminário. O conceito é o tempo da coisa. Você diz que no marco da transferência a palavra somente tem valor de palavra, que não há emoção, nem projeção, nem deslocamento. Devo lhe dizer que não entendi muito bem qual é o sentido da palavra na transferência?*

- Sobre o que você visa obter uma resposta? Sobre a relação do conceito com o tempo?

- *Sobre a relação entre a palavra antiga e a palavra atual. Na transferência, se a mira da interpretação é acertada, isto se deve à coincidência entre a palavra antiga e a palavra atual.*

---

<sup>12</sup> "dépensé", "il est pensé"



- É preciso que de vez em quando eu me exercite em algo de tentativa. Que o conceito seja o tempo é uma idéia hegeliana. Mas acontece que, em uma coisa que está em meus *Escritos*, a respeito de *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*, sublinhei a função da pressa na lógica, a saber, que não se pode permanecer em suspenso porque é preciso um momento concluir. Ali eu faço um esforço em anodar o tempo com a própria lógica. Distingui três tempos, mas isso é um pouco velho, escrevi isso há muito tempo, imediatamente após a guerra. Até certo ponto, concluímos sempre demasiadamente cedo. Mas esse demasiadamente cedo é sempre a evitação de um demasiadamente tarde. Isto está relacionado totalmente com o mais recôndito da lógica. A idéia do todo, do universal, já está prefigurada de alguma maneira na linguagem. A recusa da universalidade está esboçada em Aristóteles e ele a deixa de lado, mas a universalidade é o essencial de seu pensamento. Posso propor com certa verossimilhança que o fato de que Aristóteles a deixe de lado é o índice do caráter, a final de contas, não necessitado da lógica. O fato é que somente há lógica em um ser vivo humano.

*Sr. Melo – Na sua primeira resposta você começou da palavra sério e chegou à noção de série. Chama-me muito a atenção como reagimos diante dessa palavra série, alinhando uma série de doentes, uns após outros. Tive o autista, o obsessivo, o psicossomático e também a mulher. Isto me levou a pensar no fato de que você viesse nos falar e que nós tenhamos vindo escutá-lo. Eis aqui a minha pergunta. Você não acha que entre transferência e contra-transferência existe realmente uma diferença que se coloca a nível do poder?*

- É de toda maneira sumamente demonstrativo o fato de que o poder jamais repousa sobre a força pura e simples. O poder é sempre um poder vinculado a palavra. Acontece que depois de ter martelado certas coisas durante um tempo muito longo, atraio muita gente pelo meu palavreado que, evidentemente, não teria esse poder se não fizesse série, se não convergisse em algum ponto. É de toda maneira um poder de um tipo muito particular. Não é um poder imperativo. Eu não dou ordens a ninguém. Mas toda a política repousa em que todo mundo está demasiado contente em ter alguém que lhe diga *para frente, marchem* – sem importar-lhes para aonde ademais. O princípio mesmo da idéia de progresso é que se acredite no imperativo. É o mais original que há na palavra e eu intentei esquematizá-lo – encontrarão isto num texto que se chama *Radiofonia* e que já não lembro aonde eu o dei. Trata-se da estrutura do discurso do mestre. O discurso do mestre se caracteriza pelo fato de que em determinado lugar, há alguém que faz semblante de comandar. Esse caráter de semblante – "De um discurso que não seria do semblante", serviu como título de um de meus seminários – é totalmente essencial. Que haja alguém que queira se encarregar dessa função de semblante todo mundo está afinal de contas encantado. Se alguém não fizesse semblante de comandar, aonde terminaríamos? E mediante um verdadeiro consentimento fundado no saber de que é preciso que haja alguém que faça semblante, os que sabem marcham como os demais. O que

you acaba de compreender através de certa maneira de tomar distância, é o que você evoca de uma sombra de poder.

O. Flourney – *Ainda uma pergunta na série que mencionou o Dr. Melo. Você introduziu a propósito da psicose o termo forclusão, que é empregado sem que se saiba muito bem o que recobre. Perguntei-me, ao escutá-lo, se no psicótico o que está forcluído é o gozo. Mas por acaso trata-se de um semblante de forclusão ou de uma verdadeira forclusão? Em outros termos, a psicanálise pode ou não chegar a um psicótico?*

- É uma pergunta muito bonita. Forclusão do Nome-do-Pai. Isto nos leva a outro andar, ao andar onde não somente está o Nome-do-Pai, senão também o Pai-do-Nome. Quero dizer que o pai é aquele que nomeia. Está muito bem evocado no *Gênesis* onde encontramos toda essa macaque de Deus que diz a Adão que dê um nome aos animais. Tudo se passa como se houvesse ali dois andares. Deus é suposto saber que nomes eles tem, já que foi ele quem, supostamente, os criou e depois tudo se passa como se Deus quisesse pôr o homem à prova e ver se ele sabe imitá-lo.

Há, a esse respeito, histórias em Joyce – Jacques Aubert deve saber muito bem a que faço alusão, não é verdade? Aquele que dirá primeiro *gon* à *gouse*, dirá *oua* à *oua*. É manifesto que no texto o homem está colocado numa posição grotesca. Eu me sentiria bastante inclinado a acreditar que, contrariamente ao que choca a muitas pessoas, são as mulheres que inventaram a linguagem. Aliás o *Gênesis* dá a entender isso. Com a serpente, elas falam – quer dizer, com o falo. Falam ainda muito mais com o falo na medida em que para elas, então, este é hétero.

Ainda que este seja um dos meus sonhos, podemos de toda maneira formular a pergunta – como uma mulher inventou isso? Podemos dizer que está interessada nisso. Contrariamente ao que se acredita, o falocentrismo é a melhor garantia da mulher. Só se trata disso. A Virgem Maria com seu pé sobre a cabeça da serpente quer dizer que se sustenta nisso. Tudo isto foi imaginado, mas de uma maneira quase sem alento. Pode ser dito sem a menor seriedade pois foi preciso alguém tão maluco como Joyce para recolocar isso.

Ele sabia muito bem que suas relações com as mulheres eram tão somente sua própria canção. Ele tentou situar o ser humano de um modo que só tem um mérito, o de diferir de tudo o que foi enunciado sobre isso precedentemente. Mas, a final de contas, tudo isso é uma forma de repetição, é sintoma.

É aquilo pelo qual me sinto mais atraído, quer dizer, que é, falando estritamente, a dimensão humana. Por isso falei de Joyce-o-sintoma, desse modo, de uma só vez.